

Introdução

EMBAIXADORES

Há muito barulho em sua casa e ela não está limpa como você gostaria, os passeios a sós com seu marido não acontecem há um bom tempo, a pilha de roupas sujas cresceu outra vez, você descobriu agora que não tem o que mandar na lancheira, acabou de apartar outra briga, a programação da semana é impossível de ser cumprida, parece haver mais despesas do que dinheiro, ninguém à sua volta parece estar satisfeito e você se sente exausta e pouco valorizada.

Em meio a todas as intermináveis atividades associadas à criação de filhos, muitos pais perdem o rumo. Estão fazendo muitas coisas, boas até, mas não sabem muito bem o porquê. Foram engolidos pela rotina diária de seu ofício como pais, porém perderam de vista o que estão construindo ou pelo quê estão trabalhando. Não entendem por que esses pequenos a quem tanto amam têm o poder de despertar neles tamanha irritação e frustração. As tarefas domésticas que são obrigados a realizar dia após dia estão reduzidas a uma lista interminável de deveres pouco atraentes que não parecem ter qualquer perspectiva abrangente que os una e santifique com significado e propósito.

Em minhas viagens pelo mundo para falar sobre criação de filhos, tenho encontrado milhares de mães e pais exaustos que me pedem estratégias eficazes para uma ou outra coisa específica, quando, na verdade, o que eles realmente precisam é de um *panorama global da missão dos pais* que possa esclarecer, orientar e motivá-los a alcançar tudo o que Deus os chamou para realizar como pais. Se sua intenção não é apenas sobreviver, mas prosperar como pai ou mãe com perspectiva e alegria, você precisa de algo melhor do que a próxima publicação com sete dicas para solucionar qualquer problema. Você precisa da perspectiva abrangente que Deus tem da tarefa que ele mesmo o convida a realizar. Precisa do *panorama global da missão dos pais cristãos*, que não somente trará sentido à sua tarefa, mas também transformará a forma como você a vê.

Sim, você leu certo. Estou profundamente convencido de que os grandes e nobres princípios e perspectivas do evangelho de Jesus Cristo estão ausentes na postura da maioria dos pais cristãos. Esses princípios e perspectivas são radicais e contraintuitivos. Simplesmente não são naturais a nós, mas são essenciais para que sejamos o que devemos ser, ou façamos o que se deve fazer como pais. Quando desempenhamos nosso papel de pais amparados pelo que o evangelho afirma sobre Deus, sobre nós mesmos, nosso mundo, nossos filhos e a graça divina, não apenas encaramos nossa missão sob perspectivas absolutamente novas como também levamos o fardo de nossa tarefa de forma muito diferente.

Preciso falar com sinceridade. Escrevi um livro sobre criação de filhos (*Age of Opportunity*) e disse a mim mesmo, e repetidas vezes a outras pessoas, que não desejava escrever outro. No entanto, cá estou fazendo exatamente o contrário. Por quê? Porque conforme eu ouvia pessoas afirmarem que haviam usado *Age of Opportunity* com seus filhos adolescentes, sentia um desconforto crescente. Só conseguia pensar “não é bem assim” ou “não foi isso que eu quis dizer”, ou “falta algo aqui”. Levei algum tempo, mas finalmente entendi o que me incomodava nessas conversas: o que faltava nesses pais era o evangelho, fundamento que sustenta tudo o que eu havia escrito. Assim, encorajado pelo editor, decidi escrever um livro sobre criação de filhos, porém diferente do tipo convencional. Este não será um livro recheado de estratégias práticas para lidar com os filhos nas diversas fases de seu desenvolvimento. Este livro não oferecerá passos práticos para encarar o tipo de situações enfrentadas por todos os pais. O objetivo deste livro é a reorientação. Ele foi planejado para lhe oferecer uma nova forma de refletir sobre o que tem diante de si como pai ou mãe e de reagir a todas essas coisas. O objetivo deste livro é lhe trazer perspectiva, motivação, força renovada e a paz de espírito de que todos os pais e mães necessitam. Ele foi escrito para lhe apresentar o *panorama global cristão* da tarefa para a qual o seu Salvador o chamou.

Perdidos bem no meio de sua própria história como pais

O processo começa com a identificação de quem você é como pai ou mãe. Não me refiro ao seu nome, endereço e RG. Refiro-me a quem você é em relação à pessoa de Deus, refiro-me ao que a vida é, de fato, e a quem são seus filhos. Se você não tem a perspectiva clara de “quem você é”, deixará escapar a essência da tarefa para a qual Deus o chamou e tomará atitudes que nenhum pai ou mãe deveria tomar.

Receio que a confusão e a disfunção presentes no desempenho dos pais geralmente tenham início na visão da paternidade como *posse*. Ela costuma ser inconsciente e é raro que seja declarada abertamente, mas opera com esta perspectiva da parte dos pais: “*Esses filhos pertencem a mim, por isso posso criá-los da forma como achar melhor*”. Na verdade, nenhum pai ou mãe expressa, de fato, tais palavras, mas essa tende a ser a perspectiva adotada pela maioria de nós. Pressionados pelo acúmulo de responsabilidades e por uma programação frenética, perdemos de vista o verdadeiro sentido de nosso ofício como pais. Olhamos para nossos filhos como se nos pertencessem e acabamos tomando atitudes obtusas, pouco úteis no longo prazo, mais reacionárias do que guiadas por um objetivo e alheias ao grande, sábio e extraordinário plano de Deus.

A postura dos pais que se fundamenta na *posse* não é notoriamente egoísta, abusiva ou destrutiva; ela envolve uma mudança sutil no pensamento e na motivação que acaba nos colocando, como pais, em uma trajetória distante dos desígnios de Deus. Essa mudança é sutil porque ocorre em momentos banais e irrelevantes da nossa vida em família – situações aparentemente tão pequenas e insignificantes que as pessoas envolvidas nem se dão conta de que tal movimento ocorreu. As mudanças, no entanto, são significativas precisamente porque ocorrem em momentos pequenos e insignificantes, pois esses breves instantes são a morada do nosso relacionamento com nossos filhos. Uma pequena parte da missão de criar filhos acontece em momentos importantes e significativos que nos param em nossas rotinas e exigem nossa total atenção; o exercício da paternidade ocorre de forma fugidia, quando não estamos de fato prestando atenção e somos recebidos pelo que não sabíamos que enfrentaríamos naquele dia. É no ciclo repetitivo dos pequenos momentos não planejados que se encontra a oficina de formação de almas que é a criação de nossos filhos.

A criação de filhos que se baseia na *posse* é motivada e moldada pelo que os pais desejam *para* seus filhos e *de* seus filhos. É movida por uma visão do que desejamos que nossos filhos sejam e que retribuição esperamos deles (falarei sobre o tema mais adiante). Parece certo e traz muitos bons resultados, mas é um caminho basicamente enganoso e ilusório e não produzirá o resultado desejado por Deus nas vidas que ele confiou ao nosso cuidado. Pronto, falei! A tarefa de criar filhos que é apropriada e produz o que Deus deseja começa com o reconhecimento absoluto e submisso de que nossos filhos, na realidade, não nos pertencem. Pelo contrário, todo filho ou filha, em cada família, em qualquer lugar do planeta, pertence àquele que os criou. Os filhos são herança do Senhor (Sl 127.3)

para o seu propósito. Isso significa que o plano de Deus para os pais é que sejam agentes divinos na vida daqueles que foram criados à sua imagem e confiados ao nosso cuidado.

A palavra que a Bíblia usa para essa posição intermediária é *embaixador*. Essa é, de fato, a palavra perfeita para o que Deus convida os pais a serem e fazerem. A única coisa que um embaixador faz, se estiver interessado em preservar seu emprego, é representar fielmente a mensagem, os métodos e o caráter do líder que o enviou. Ele não está livre para pensar, falar ou agir de forma independente. Todos os seus atos, bem como suas decisões e interações, devem ser moldados por esta única pergunta: “Qual é a vontade e o plano daquele que me enviou?” O embaixador não representa seus próprios interesses, sua própria perspectiva ou seu próprio poder. Ele faz tudo como um embaixador, ou esqueceu-se quem é e não ocupará sua posição por muito tempo.

Os pais cumprem o papel de *embaixadores*, do início ao fim. Esse papel não deve ser moldado e movido por interesses e necessidades pessoais ou perspectivas culturais. Todos os pais e mães, onde quer que estejam, são chamados para reconhecer que foram colocados na terra em um tempo e lugar específicos com um único objetivo para a vida de seus filhos. O que seria? Buscar a vontade de Deus. Veja aqui, em linguagem acessível, o que isso significa: criar filhos não se resume ao que desejamos *para* nossos filhos ou *de* nossos filhos, mas ao que Deus, em sua graça, planejou fazer por meio de nós *em* nossos filhos. Perder isso de vista é viver um relacionamento com nossos filhos que, em sua essência, não é cristão, ou tampouco o verdadeiro exercício da paternidade, pois se refere mais à nossa vontade e à nossa maneira do que à vontade de nosso Soberano Rei Salvador.

Preciso dizer aqui e agora que sou péssimo no tema sobre o qual estou escrevendo. Gosto de soberania, gosto de domínio e de ter minha vontade feita na terra como a vontade de Deus é feita no céu! Muitas vezes tratei meus quatro filhos (hoje adultos) como se fossem propriedade minha. Muitas vezes, sofri da esquizofrenia do embaixador: perdi a cabeça em certos momentos, tomei nas próprias mãos a missão de criar meus filhos e fiz coisas que não deveria ter feito. Fui, muitas vezes, um mau exemplo da submissão alegre à lei de Deus. Fui, muitas vezes, um péssimo representante da graça de Deus. Costumava ser mais impelido pelo medo do que pela fé. Muitas vezes preferi o resultado imediato à transformação a longo prazo. Em alguns momentos, esqueci-me de quem era, perdi a cabeça e fiz coisas que realmente não tinham nenhum sentido, ou, pelo menos, em nada ajudaram.